

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
16 e 20 de Julho de 2020
A VIDA CONTINUA

LA VIE EST À NOUS / 1936

Um filme de Jean Renoir

Argumento: Jean Renoir, Paul Vaillant-Couturier / *Imagens (35 mm, preto & branco):* Louis Page, Jean-Serge Bourgoïn, Jean Isnard, Alain Douarinou, Claude Renoir, Nicolas Hayer / *Montagem:* Marguerite Renoir / *Som:* Robert Teisseire *Música:* "L'Internationale", "Ronde des Saint-Simoniens", "Canto dos Komsomols" (Chostakovich), "Après de ma Blonde" e diversas canções do Front Populaire, pela Chorale Populaire de Paris, sob a regência de Suzanne Conte / *Interpretação:* Introdução: Jean Dasté (*o professor*), Jacques Brunius (*o Presidente do Conselho de Administração*), Simone Guisin (*uma senhora no casino*), Teddy Michaux (*um fascista no treino de tiro ao alvo*), Pierre Unik (*o secretário de Marcel Cachin*); Primeiro episódio: Charles Blavette (*Tonin, o líder dos operários*), Max Dalban (*Brochard, o contra-mestre com o cronómetro*), Emile Drain (*o velho operário*), Madeleine Sologne (*a operária*), Fabien Loris (*um operário*), Jean Renoir (*anfitrião na reunião dos operários*), Georges Spanelly (*o diretor da fábrica*), Fernand Bercher (*um secretário*); Segundo episódio: Eddy Debray (*o oficial de justiça*), Henri Pons (*Sr. Lecocq*), Gabrielle Fontan (*Sra. Lecocq*), Gaston Modot (*Philippe, o sobrinho*), Léon Larive e Pierre Ferval (*clientes no leilão*); Terceiro episódio: Julien Bertheau (*René, o engenheiro desempregado*), Nadia Sibirskaia (*Ninette, a sua namorada*), Marcel Lesieur (*o dono da oficina*), O'Brady (*Mohammed*), Marcel Duhamel (*o militante de extrema-direita*), Tristan Severe, Guy Favières, Muse Dalbray e Jacques Becker (*peças à porta da Soupe Populaire*), Claire Gérard (*uma mulher na rua*), Jean-Paul Le Chanois (*P'tit Louis*) e nos seus próprios papéis Marcel Cachin, Maurice Thorez, Jacques Duclos e a participação involuntária do Coronel de la Rocque.

Produção: Partido Comunista Francês / *Cópia:* DCP, com legendas electrónicas em português / *Duração:* 64 minutos / *Estreia mundial:* Primavera de 1936, durante a campanha para as eleições legislativas francesas / *Estreia comercial:* Paris (cinema Studio Gît-le-Coeur) 12 de Novembro de 1969 *Inédito comercialmente em Portugal.* Primeira apresentação na Cienmateca a 29 de Outubro de 1994, no âmbito do ciclo "Jean Renoir".

La Vie est à Nous foi produzido pelo Partido Comunista Francês para a campanha das eleições legislativas de 1936, que levou ao poder a Frente Popular, coligação de forças de esquerda (socialistas, comunistas e radicais) chefiada por Léon Blum. Numa Europa que estava em plena vaga fascista, a Frente Popular permaneceu no poder por cerca de um ano e introduziu importantes leis sociais, como a semana de 40 horas e as férias pagas. Apresentado à época em reuniões políticas, o filme não recebeu visto de censura (que provavelmente nem foi pedido) e só foi comercializado em 1969. O genérico de 1936 indica: "*Um filme realizado coletivamente por uma equipa de técnicos, artistas e operários*". O genérico de 1969 : "*Realização de Jean Renoir, a partir de uma ideia de Paul-Vaillant Couturier*" (jornalista em *L'Humanité*, o jornal do PC) e indica os nomes dos numerosos assistentes, entre os quais avultam Jacques Becker e Henri Cartier-Bresson.

A carreira deste filme ilustra à perfeição a ambiguidade e (porquê não dizê-lo?) o que podia ser crasso oportunismo em Jean Renoir. Tendo adquirido a reputação de cineasta de esquerda em meados dos anos 30, com **Le Crime de Monsieur Lange**, Renoir coordenou o filme de propaganda eleitoral comunista que veremos hoje e fez de seguida **La Marseillaise**, indiretamente financiado pelo mesmo partido, antes de adaptar Zola, um dos ídolos literários do PC, em 1938 (**La Bête Humaine**, uma das suas obras-primas). Em 1940, Renoir rumou para a Itália realizar **La Tosca**, do qual só filmou algumas cenas, tendo deixado o país depois da declaração de guerra italiana à França. Uma vez instalado nos Estados Unidos, onde viveria pelo resto da vida, Renoir sempre evitou falar de **La Vie est à Nous**, a não ser para dizer que o filme não era exatamente dele (curiosamente, vemo-lo na

tela durante uma reunião operária...) e que os seus assistentes, sobretudo Jacques Becker e André Zwobada, tinham realizado muitas cenas. Mas quando o filme foi finalmente comercializado, em 1969, ele aceitou que seu nome aparecesse no novo genérico, como único realizador... Por seu turno, apesar de todas estas acrobacias do realizador, o Partido Comunista Francês jamais renegou Renoir, talvez porque um companheiro de viagem tão prestigioso não pode ser renegado.

Dito isto, as afirmações de Renoir de que não foi o único realizador do filme são provavelmente verdadeiras. Pela sua própria natureza de obra de *agit prop*, **La Vie est à Nous** é um filme de concepção coletiva. Algumas das melhores sequências, como a montagem inicial, não são características do cinema de Renoir, que nunca foi um manipulador de imagens e a agressiva acusação contra as famosas "*duzentas famílias*" da casta dirigente que governava a França (com nomes e fotografias!) tão pouco condiz com a sua visão do mundo, pois no seu cinema não há a divisão esquemática entre "bons" e "maus" (embora em política, às vezes...). Os colaboradores de Renoir tiveram provavelmente inteira liberdade para realizar certas sequências, sem que ele interviesse, embora a supervisão geral da obra tenha certamente sido dele. Abertamente propagandístico, o filme dirige-se, através dos seus três episódios, a cada uma das camadas eleitorais: operários, camponeses e o sector terciário. São estes três episódios, mais do que o preâmbulo ou o apoteótico desfile de conclusão, que levam mais nitidamente a marca de Renoir. A começar pelos atores, pois encontramos aqui diversos representantes da "família" de Renoir nos anos 30, que tinham tido ou viriam a ter papéis importantes ou menores em seus filmes, como Max Dalban (que tem o papel-título em **Toni**), Gaston Modot (entre vários papéis secundários, o importante papel do *garde chasse* da **Règle du Jeu**) ou dois outros atores da **Règle du Jeu**: Eddy Debray, o mordomo, que aqui dirige o leilão e Claire Gérard, uma das convidadas (aquela que pensava que havia negros e não índios na América, antes da chegada de Colombo), que vemos aqui de relance, na rua, no terceiro episódio. E, repetimos, o próprio Renoir ofereceu-se um pequeníssimo papel.

Jacques Rivette, cujos filmes podem durar três, quatro ou até doze horas, disse um dia que "*falta meia hora a cada um dos filmes de Renoir*". Não é verdade, mas talvez falte meia hora a este filme. A necessidade de ser breve, para não cansar os espectadores de uma reunião política, a necessidade de ser muito simples, para não se desviar da missão de propaganda, e talvez circunstâncias materiais, contribuíram para que **La Vie est à Nous** tivesse uma duração de pouco mais de uma hora. Isto torna excessivamente breves os episódios, que são reduzidos quase à categoria de esboços, com conclusões abruptas. As estupendas sequências da reunião noturna dos operários e a do diretor da fábrica com os seus adjuntos desembocam numa conclusão excessivamente curta. Mais desenvolvida, a sequência do leilão teria sido um antológico excerto de cinema, ao passo que o terceiro episódio, o menos simplório dos três, oferece matéria para todo um filme. A transição da história do jovem desempregado (Julien Bertheau, inesquecível presença dos últimos filmes de Buñuel) para a apoteose final é hábil e eficaz. Já que para o messianismo militante as manhãs e os amanhãs cantam, **La Vie est à Nous** conclui de modo empolgante e comovente, com uma alternância de discursos dos líderes comunistas franceses (os quase míticos Jacques Duclos e Maurice Thorez, o primeiro cultivando um ar e um sotaque de camponês, ao passo que o segundo é encarnação do operariado fabril), destinados ao momento específico das eleições de 1936 e por um coro dos danados da terra e dos prisioneiros da fome, no qual reaparecem os principais personagens do filme, entoando a *Internacional*: "*groupions-nous et demain, l'Internationale sera le genre humain*". Eram os tempos em que, literalmente, os amanhãs cantavam.

Antonio Rodrigues